



O campo da Comunicação no Brasil: o capital científico dos pesquisadores da área¹

Prof. Dr. Richard Romancini²

Resumo

O trabalho busca discutir a possível conformação de um “campo científico” (Bourdieu) da Comunicação no Brasil, através da associação do conceito de “capital científico” (idem) às citações dos trabalhos (principalmente teses e dissertações de 2004) analisados por meio de técnicas bibliométricas. As citações servem como uma medida da interação dos pesquisadores; este padrão de relação do grupo é discutido, tendo como parâmetro uma reelaboração do modelo de Galtung (1965), a respeito dos tipos de interação entre grupos acadêmicos.

Palavras-chave

Campo científico; Comunicação; Pesquisa em Comunicação; Capital científico; Bibliometria

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Teoria da Comunicação.

² Pesquisador do Núcleo de Pesquisa do Mercado de Trabalho em Comunicações e Artes - NUPEM/ECA-USP e docente da Faculdade de Comunicação e Cultura Montessori – FAMEC-SP.

1. Introdução

Nesse trabalho, que é parte de uma tese de doutorado (Romancini, 2006), procuramos estudar a identidade dos estudos em Comunicação no Brasil, a partir de uma estratégia de pesquisa na qual utilizamos o conceito de “campo científico” de Bourdieu. Procuramos perceber, a partir de dados referentes ao “capital científico” produzido pelos pesquisadores da área do país, a viabilidade de entendermos os estudos em Comunicação no marco do conceito mencionado. Um aspecto importante, para tanto, foi o uso de um modelo de interação entre grupos acadêmicos, a partir da reelaboração de uma proposta de Galtung (1965).

Discutiremos inicialmente, de modo sintético, o conceito de campo e apresentaremos o modelo de interação. Ao fim, é mostrada a análise dos dados bibliométricos que embasam o estudo sobre o capital científico dos pesquisadores brasileiros da área e seu papel na conformação de um âmbito específico (campo) de produção de conhecimento sobre a Comunicação no Brasil.

2. O campo científico, segundo Bourdieu, e o modelo de Galtung

Sistematizando os elementos fundamentais da definição de campo realizada por Bourdieu, em diferentes trabalhos³, nota-se que o mesmo possui os seguintes aspectos:

- Um campo é um microcosmo incluído num espaço social (macrocosmo) global; ele possui suas regras e normas próprias, cuja validade é tanto maior quanto melhor sucedido for o processo de autonomização do mesmo;
- É um espaço de lutas entre os diferentes agentes que se posicionam diferencialmente em seu espaço (conforme sua origem e trajetória), lutando pela apropriação/redefinição de um capital específico; este capital é desigualmente distribuído, o que corresponde a posições dominadas e dominantes no campo;
- Um campo se define pela demarcação dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irreduzíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos – “não se poderia motivar um filósofo com questões próprias dos geógrafos”, nota Bourdieu (1983, 89);
- O funcionamento do campo implica na existência desses objetos de disputa e de pessoas prontas para disputar o jogo; pessoas dotadas de um *habitus* que as tornem

³ Bourdieu, 1968, 1983, 1983a, 1992, entre outros.

capazes do conhecimento e do reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas etc. E, no campo científico, o que está em jogo basicamente é o monopólio da “autoridade científica”, ou seja, um capital particular que confere poder ao produtor que o exerce, em relação aos mecanismos constitutivos do campo (por exemplo, o tipo de ações e objetos de interesse pertinentes, bem como as teorias, técnicas e métodos legítimos). Em resumo, “à definição do que está em jogo na luta científica faz parte do jogo da luta científica” (Bourdieu, 1983, 128).

- As estratégias dos agentes (em termos de conservação ou subversão do estado do campo) remetem às posições (dominados/dominantes) mencionadas;
- Quanto maior a autonomia de campo, mais os produtores particulares só poderão esperar o reconhecimento de seus produtos pelos seus pares, que também são seus concorrentes. Isso decorre, entre outros pontos, do processo de especialização que torna a linguagem dos campos eruditos cada vez mais complexa e esotérica.
- Apesar das disputas, e portanto do caráter de mercado conflitivo do campo, os agentes têm interesse na existência do mesmo. Mais que isso: exige-se uma disposição constituinte, que é uma adesão tácita a uma crença, uma *illusio*, quanto aos móveis de interesse, suscitados e produzidos pelo próprio jogo/campo. Com efeito, a *illusio* exigida por um campo “constitui a condição indiscutida da discussão. Para se lançar à discussão dos argumentos, é preciso acreditar que eles mereçam ser discutidos e, de algum modo, acreditar nos méritos da discussão” (Bourdieu, 2001, 124).

O que ressaltamos do exposto é que Bourdieu apresenta um esquema de funcionamento da ciência como *prática social* fundada no conflito, na polêmica entre os agentes envolvidos na definição do “capital científico”. Este aspecto é estrutural a um campo social, tornando mais legível as posições assumidas pelos agentes, bem como as “estratégias” de luta que dão forma ao campo. Nesse sentido, afirma-se o caráter político de todas as posições, mesmo aquelas que resultam em avanços científicos.

Mas assumir os pressupostos da teoria do campo não é o mesmo que adotar uma postura relativista, pois se espera que quanto maior for a autonomia do campo em relação a demandas e capitais específicos de outros campos, maior o seu grau de auto-regulação. Ao contrário: “Quanto mais heterônimo é um campo, mais imperfeita é a competência



[científica] e é mais legítimo que os agentes façam intervir forças não científicas na lutas científicas” (Bourdieu, 2004, 85).

Em outros termos, resumindo a lógica dos campos científicos, Garcia (1996, 70, grifo nosso) nota que:

É assim que fins particulares de reconhecimento e legitimidade dos produtores individuais acabam se transformando, por uma lógica própria do funcionamento do campo, *em algo proveitoso para o progresso da ciência*, ou seja, a ampliação do conjunto de conhecimentos científicos. A idéia de objetividade também é construída no interior do campo científico, segundo os mesmos princípios. A objetividade das práticas científicas e seus produtos e os critérios que a definem são fruto de um consenso que se constrói segundo critérios discutidos no interior do próprio campo.

Assim, deve-se ressaltar o princípio profundamente racionalista que está na base da idéia da autonomia dos campos, para Bourdieu. E, portanto, a defesa do processo de autonomização dos mesmos, enquanto mecanismo de “progresso da razão”. É a disputa entre os agentes de um campo que permite os avanços no conhecimento – num processo de “revolução permanente” na ciência moderna. A ruptura contínua seria, para o autor, o verdadeiro princípio de continuidade dos campos. Se Bourdieu (1983, 74) afirma que se “há uma verdade, é que a verdade é um objeto de luta”, isso não deve ser lido como uma declaração relativista. Mas sim que essa luta é necessária ao mecanismo de produção da “verdade” científica e maior aproximação à razão, que é sempre histórica. Num campo científico, “enquanto houver luta, haverá história, isto é, esperança” (idem, 53).

Para efeito de operacionalizarmos a noção de campo, a respeito da área da Comunicação, derivamos do que foi exposto que se espera de um campo científico certo nível de interação entre seus agentes (de modo a que possa haver o conflito, o avanço da razão polêmica no mesmo). Isso, porém, pode não ocorrer, implicando na configuração de uma “área de pesquisa” com outras características. Nesse sentido, é útil a revisão do modelo elaborado pelo sociólogo Johan Galtung (1965) sobre possíveis modos de interação entre grupos acadêmicos, para investigarmos o que ocorre na pesquisa em Comunicação. O modelo proposto por esse autor, originalmente, oferecia uma matriz de intelegibilidade bipolar a respeito dos tipos de interação em uma “comunidade acadêmica”. A partir de contribuições de Liedke Filho (2003) e de nossa reelaboração, com vistas a articular a matriz tipológica ao conceito de campo, podemos chegar a um conjunto de situações (modelos de interação entre grupos), sintetizadas no Quadro 1, a seguir.

**Quadro 1. Modelos de interação entre grupos acadêmicos (a partir de Galtung, 1965 e Liedke Filho, 2003)**

	Modelo conflitivo-destrutivo	Modelo segmental	Modelo conflitivo-construtivo
Relação com a imagem geral do outro grupo	Não há fins comuns (<i>inexistência de um campo científico</i>); os fins são mutuamente excludentes. Ajudar (<i>interagir com</i>) o outro é prejudicar a si mesmo. Modelo de jogo de “soma zero”.	Poucos fins comuns – no limite somente a manutenção da situação. Campo científico débil. A questão da ajuda (<i>interação</i>) mútua não é colocada. Insulamento dos grupos faz com que não exista “jogo comum”.	Há certo número de fins comuns (<i>existência de um campo científico</i>), e os fins que parecem mutuamente excludentes podem redefinir-se. Ajudar (<i>interagir com</i>) o outro é também ajudar a si mesmo. Modelo de cooperação (<i>jogo</i>), “não soma zero”.
Implicação metodológica	Um grupo é inútil para o outro, as diferenças são tão grandes que o diálogo não é necessário nem útil.	A utilidade do outro grupo é meramente em termos das demandas externas, que a união pode facilitar. Em termos de diálogo, este não é evitado, mas também não é perseguido.	Um grupo é útil para o outro, precisamente em função das diferenças, pode assinalar os defeitos do próprio pensamento.
Implicações para contatos	Deve-se evitar o contato; o outro grupo não merece, representa algo tão intrinsecamente ruim, que não se deve ajudá-lo (<i>ter contato com ele</i>) Deve-se desconfiar, ocultar as próprias descobertas, porque o outro grupo poderia roubá-las.	Os contatos têm pouco valor, pois, dada as diferenças entre os grupos, deles não poderão resultar discussões ou debates comuns.	É necessário buscar o contato, apesar das diferenças podem ser promovidos fins comuns que serviram (<i>no debate, conflito de idéias</i>) para a melhora dos grupos, tendo assim um valor mais alto.

Pelo que se pode ver no Quadro 1, o único dos padrões de interação que leva a uma efetiva existência do tipo ideal “campo” é o modelo de interação que chamamos de “conflitivo-construtivo”. Existem traços do mesmo na pesquisa em Comunicação? Como perceber isso? Tais questões são tratada no próximo tópico, em que também abordamos nosso entendimento a respeito do “capital científico” da Comunicação no Brasil.

3. Interação e capital científico

Ao refletir sobre os modos possíveis de evidenciar a interação entre os agentes do área de pesquisa em Comunicação, assumimos alguns pressupostos: 1) que os estudos da área são marcadamente acadêmicos, 2) que a produção da PG da área, portanto, reflete as grandes linhas de força do conhecimento produzido e 3) que a pesquisa discente, ou seja, as teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) possuem correlação com níveis mais maduros de investigação da área.

O último ponto, em particular, é central na estratégia adotada, ou seja, a decisão de analisarmos, por meio de técnicas bibliométricas, as referências das teses e dissertações dos PPGCOM, no ano de 2004. A idéia básica dessa estratégia metodológica é que as referências (ou citações) correspondem a um tipo de “capital científico” da área e que a circulação do mesmo indica níveis de contato e interação entre os pesquisadores. No caso específico, observamos, em particular, os pesquisadores docentes dos PPGCOM, que são os principais agentes dos Programas. Estes espaços, por sua vez, foram entendidos com a unidade básica da análise, para vislumbrarmos as interações entre os grupos.

É certo que a análise bibliométrica de citações produz indicadores com limitações e imperfeições⁴. Apesar disso, a citação é um dos aspectos mais importantes para evidenciar o caráter social da ciência, aspecto reforçado pela teoria de Latour (2000) sobre essa prática. Para este autor, um pesquisador qualquer ao reportar-se a textos anteriores procura fortalecer sua argumentação, arregimenta aliados para a posição adotada em seu trabalho, mostrando, assim, que participa dos debates de uma disciplina. Em outras palavras, o conjunto de pesquisadores, por meio de suas referências, estabelece o domínio legítimo da discussão. Esse seria o significado mais importante de uma citação, que cria relações entre os membros de um grupo científico. Como nota o autor:

O adjetivo “científico” não é atribuído a textos isolados que sejam capazes de se opor à opinião das multidões por virtude de alguma misteriosa faculdade. Um documento se torna científico quando tem a pretensão a deixar de ser algo isolado [...] (Latour, 2000, 58)

Isso relaciona-se com o possível entendimento da citação como um “capital científico”, pois, como nota Bourdieu (1983, 125), no campo científico somente o que é

percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros; portanto, aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aquele que o produz como importante e interessante aos olhos dos outros.

Desse modo, as citações podem ser vistas, ao captar o que é visto como “importante e interessante” pelos pesquisadores, como elementos que constituem e asseguram a autoridade científica de um agente em particular, sendo uma das dimensões do “capital científico” (Bourdieu, 1989, 2004) disponibilizado e mobilizado por uma área de investigação. Esse “capital” é recebido pelos agentes e circula no campo, o que permite

⁴ A principal crítica feita a esse tipo de indicador é sobre a eventual inexistência de relação direta entre a citação e a qualidade do trabalho. Outras críticas mais pontuais são descritas em Romancini (2006, 223). Porém, como discutiremos nesse artigo, nada impede que o dado quantitativo produzido seja também compreendido a partir de uma integração com posteriores técnicas qualitativas, em análises com teor interpretativo mais acurado.



perceber padrões de interação entre o grupo. É justamente enquanto um modo de legitimação e prestígio interno aos pesquisadores que as citações (e outros índices, como número de traduções ou trabalhos de um pesquisador) são descritas por esse autor como uma modalidade de “capital científico” mais “puro”, em comparação com o tipo de poder institucional acumulado por um agente no campo científico (Bourdieu, 2004, 35-42).

É por essa via, pois, que reconhecemos nas citações uma possibilidade para a compreensão do “capital científico” da Comunicação, tanto aquele que lhe diz respeito mais diretamente – ou seja, os produzidos pelos autores identificados com a área –, quanto o que é colocado em circulação, mas proveniente de outras disciplinas, áreas ou campos de conhecimento.

4. O estudo do capital científico dos pesquisadores da área

Foram submetidos a uma análise bibliométrica 490 trabalhos (entre teses e dissertações)⁵ defendidos em todos os PPGCOM então credenciados na CAPES⁶, no ano base de 2004. Para efeito da recuperação dos dados sobre os docentes pesquisadores dos Programas, no ano de 2004, foram utilizadas informações transmitidas por estas instituições à Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. A partir do escrutínio das referências bibliográficas ou bibliografias (no caso de inexistência daquelas) nos trabalhos mencionados, foi contabilizado um total de 51.472 referências (excluídas as não-bibliográficas). Também foram analisados, com uso similar de técnicas bibliométricas, os trabalhos dos anos de 1977, 1983, 1990 e 1997 – na tentativa de estabelecer alguns elementos de comparação para os dados de 2004.

Assim, quanto a uma primeira estratificação básica dos dados de 2004, a autoria nacional ou estrangeira, observou-se relativo equilíbrio entre as citações a autores nacionais (48% do total de citações) e estrangeiros (52%). Já as citações a autores pertencentes aos PPGCOM

⁵ A produção total dos PPGCOM no ano analisado foi, na verdade, de 503 trabalhos (336 dissertações de mestrado e 167 teses de doutorado), porém, alguns dos trabalhos não foram localizados; e – de outro lado – como dois PPGCOM (UNIMAR e UNESP) tiveram produção em 2003, mas não em 2004, adicionamos essa produção do ano anterior ao ano base, para efeito de incorporar estes Programas à pesquisa. Assim foi formado o *corpus* de 490 trabalhos (161 teses e 329 dissertações).

⁶ Os 18 PPGCOM das seguintes instituições, por ordem de criação do Programa: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de Brasília (UnB), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Paulista (UNIP), Universidade de Marília (UNIMAR), Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O PPGCOM da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro não teve produção no ano, mas sua lista de docentes foi incorporada à pesquisa.



somaram um total de 4.841 referências, o que corresponde a 19,6% das citações a autores nacionais ou 9,4% do total geral. Na falta de dados similares de outras áreas institucionalizadas na PG, a comparação fica prejudicada⁷. E, talvez, o mais adequado seja comparar esse dado com a série de autores nacionais mais citados em 1977, 1983, 1990 e 1997, que é mostrada na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Autores nacionais mais citados em 1977, 1983, 1990 e 1997, por PPGCOM

Autores/PPGCOM – 1977	USP	UFRJ	UNB				Total (n)	Total* (%)			
01. COHN, Gabriel	5	0	4				9	1,4			
02. SODRÉ, Muniz	0	5	4				9	1,4			
03. FERNANDES, Florestan	4	0	4				8	1,2			
04. FREIRE, Paulo	0	0	8				8	1,2			
05. MARTINS, José de Souza	2	0	5				7	1,1			
Autores/PPGCOM – 1983	USP	UFRJ	UNB	PUCSP	UMESP			Total (n)	Total* (%)		
01. MELO, José Marques de	4	3	0	0	20			27	1,1		
02. CAMPOS, Haroldo de	0	3	0	22	0			25	1,0		
03. SODRÉ, Muniz	1	18	2	0	1			22	0,9		
04. PIGNATARI, Décio	0	4	0	15	0			19	0,8		
05. FREIRE, Paulo	5	0	4	0	3			12	0,5		
Autores/PPGCOM - 1990	USP	UFRJ	UNB	PUCSP	UMESP	UNICAMP			Total (n)	Total* (%)	
01. MELO, José Marques de	53	1	0	0	8	0			62	1,3	
02. ANDRADE, Mário	16	19	0	3	0	3			41	0,9	
03. PIGNATARI, Décio	16	2	2	17	2	0			39	0,8	
04. FREIRE, Paulo	32	2	0	0	4	0			38	0,8	
05. SANTAELLA, Lúcia	5	0	0	27	2	0			34	0,7	
06. SODRÉ, Muniz	12	11	1	1	2	0			27	0,6	
06. CAMPOS, Haroldo de	4	1	0	21	0	1			27	0,6	
08. MARCONDES F ^o , Ciro	15	1	1	2	6	0			25	0,5	
09. CHAÚI, Marilena	17	5	1	1	0	0			24	0,5	
10. FADUL, Anamária	14	0	0	0	2	0			16	0,3	
10. FERNANDES, Florestan	14	0	1	0	1	0			16	0,3	
10. ORTIZ, Renato	13	0	3	0	0	0			16	0,3	
Autores/PPGCOM - 1997	USP	UFRJ	UNB	PUCSP	UMESP	UNICAMP	UFBA	PUCRS	UNISINOS	Total (n)	Total* (%)
01. SANTAELLA, Lúcia	11	0	1	235	3	3	3	2	1	259	2,8
02. MACHADO, Arlindo	16	2	2	57	3	8	12	5	1	106	1,2
03. CAMPOS, Haroldo de	8	1	1	67	0	0	1	0	0	78	0,9
04. MELO, José Marques de	12	0	1	2	39	4	0	14	0	72	0,8
04. PIGNATARI, Décio	7	0	0	58	4	2	0	1	0	72	0,8
06. ORTIZ, Renato	14	6	5	4	12	0	6	19	0	66	0,7
07. MARCONDES F ^o , Ciro	17	3	5	2	10	3	1	13	1	55	0,6
08. XAVIER, Ismail	22	10	3	12	0	1	5	0	0	53	0,6
09. COELHO N ^o , J. Teixeira	17	1	1	22	1	0	1	5	1	49	0,5
10. ANDRADE, Mário de	5	0	1	37	0	0	4	0	0	47	0,5
11. CHALUB, Samira	2	0	0	42	0	0	0	1	0	45	0,5
12. FAUSTO NETO, Antonio	3	7	5	2	1	0	1	24	1	44	0,5
13. SALLES, Cecília Almeida	0	0	0	42	0	0	0	0	0	42	0,5
14. SODRÉ, Muniz	1	18	2	7	2	0	3	8	0	41	0,4
15. IANNI, Octávio	11	8	0	3	6	0	1	8	0	37	0,4
16. CHAÚI, Marilena	6	3	3	13	7	0	1	2	1	36	0,4
17. PLAZA, Júlio	4	0	0	23	0	3	1	1	0	32	0,3
18. CANDIDO, Antônio	5	5	8	9	1	0	0	0	1	29	0,3
18. LOPES, M. Immacolata V.	13	1	1	1	4	0	0	8	1	29	0,3
18. MEDINA, Cremilda	10	1	3	1	1	0	0	13	0	29	0,3

* Percentual em relação ao total de citações a autores nacionais no ano.

⁷ O trabalho de Melo (1999) sobre as Ciências Sociais, que utiliza técnicas bibliométricas, aborda os Programas de Pós-Graduação, porém, a perspectiva do autor privilegia a visualização de *clusters* (grupos) de autores, mais do que a circulação do conhecimento de uma área, do modo como procuramos fazer em nosso trabalho.



Importante, para a nossa discussão, é notar quanto a esses dados da Tabela 1 a permanência de autores da/na área, entre os mais citados. Ou seja, deve-se ressaltar que alguns pesquisadores (indicados em azul) se dedicaram à pesquisa em Comunicação, produzindo trabalhos que foram apropriados pelas teses e dissertações já em 1977, e tais autores, ainda em 2004, eram docentes de PPGCOM. E muitos deles também foram expressivamente citados nesse ano, como mostra a Tabela 2, na sequência. Depois dessa tabela, realizamos uma análise geral, apontando esses casos de inserção continuada de autores (que em 2004 atuavam como docentes dos PPGCOM) entre os mais citados.

Tabela 2 – Autores nacionais mais citados em 2004, por PPGCOM

Nome / Programa	USP	UF RJ	UNB	PUCSP	UMES P	UNICA MP	UF BA	PUCRS	UNISIN OS	UF RGS	UF MG	UFF	UTP	UF PE	UNIP	UNIMA R	UNESR	UE RJ	TOTAL	TOTAL*
1. SANTAELLA, Lúcia (PUCSP)	30	14	10	162	4	1	4	11	6	0	6	0	9	11	14	0	2	0	284	1,1
2. MACHADO, Arlindo (PUCSP)	35	14	4	62	4	4	3	3	21	3	4	2	6	11	3	0	3	1	183	0,7
3. SODRÉ, Muniz (UFRJ)	24	42	8	23	5	3	12	5	27	6	3	7	1	4	6	0	1	3	180	0,7
4. ORTIZ, Renato	42	4	4	9	7	2	15	9	12	8	3	4	1	7	4	0	2	2	135	0,5
5. MELO, José Marques de (UMESP)	21	3	8	13	26	0	2	20	5	5	2	0	0	4	0	1	8	0	118	0,5
6. ORLANDI, Eni	12	2	6	9	1	2	9	4	6	20	0	16	3	15	1	0	2	2	110	0,4
7. LOPES, Maria Immacolata V. (USP)	58	3	1	4	6	0	3	12	6	2	5	1	0	2	0	0	0	0	103	0,4
8. MARCONDES Fo, Ciro (USP)	28	7	6	15	4	0	4	7	7	6	1	0	1	0	4	0	5	1	96	0,4
9. IANNI, Octávio (USP)	50	5	1	2	10	2	5	3	13	1	0	1	0	0	1	0	1	0	95	0,4
10. FAUSTO NETO, Antonio (UNISINOS)	3	11	0	12	2	0	3	6	25	25	0	1	0	6	0	0	0	1	95	0,4
11. XAVIER, Ismail (USP)	28	3	9	10	0	8	6	1	1	0	1	9	5	4	6	0	0	0	91	0,4
12. TEIXEIRA COELHO, José (USP)	39	0	0	19	1	4	10	5	3	3	1	0	2	3	1	0	0	0	91	0,4
13. BAITELLO JUNIOR, Norval (PUCSP)	20	0	0	56	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	80	0,3
14. MEDINA, Cremilda (USP)	43	3	4	9	3	0	1	4	6	2	0	0	0	0	0	0	2	1	78	0,3
15. FREIRE, Paulo	25	2	5	10	19	0	0	8	5	0	0	0	0	0	0	0	3	0	77	0,3
16. BERNARDET Jean Claude G. R. (USP)	14	0	6	4	0	24	4	3	2	0	0	7	3	1	2	0	0	0	70	0,3
17. CHAUÍ, Marielena	25	3	2	7	4	2	6	1	3	1	0	0	1	2	5	1	3	1	67	0,3
18. SANTOS, Milton	12	0	1	7	0	0	9	12	16	0	2	1	0	0	3	1	1	0	65	0,3
19. RUBIM, Antonio A. C.	11	3	3	2	2	1	13	7	5	10	0	2	0	4	0	0	0	0	63	0,2
20. BRAGA, José Luiz (UNISINOS)	2	3	6	1	0	0	0	3	28	2	15	0	2	0	0	0	0	0	62	0,2
20. GOMES, Wilson (UFBA)	2	0	1	3	0	0	15	8	10	19	3	0	0	1	0	0	0	0	62	0,2

* Percentual em relação ao total de citações a autores nacionais no ano.

A comparação relativa aos autores nacionais, pertencentes ou não aos PPGCOM, mostra que, entre os 21 autores (nas 20 primeiras posições) mais citados nas teses e dissertações de 2004, uma minoria de cinco autores (indicados em vermelho) não pertencem a PPGCOM no ano em questão. No caso de um autor bastante identificado com a área como Rubim, isso é ocasional – diferentemente de Ortiz, Orlandi, Freire, Chauí e Santos, cuja inserção

disciplinar na Comunicação não é marcante (embora, como se pode notar na Tabela 1, alguns deles também aparecem como mais citados em outros anos).

De qualquer modo, o que merece mais destaque é o fato de que nada menos de que 12 autores (indicados em azul) dentre esses 21 apareceram também como mais citados em algum dos anos analisados na Tabela 1. Há, assim, o caso de um autor com índice relativo elevado de citações em todos os anos investigados (Sodré), dois em todos os anos menos o primeiro (Pignatari e Melo) e outros dois que aparecem como mais citados nos anos de 1990, 1997 e 2004 (Santaella e Marcondes Filho).

Sob o ponto de vista da produção e do reconhecimento interno de pesquisadores da Comunicação, nos parece portanto que existe uma significativa capacidade da área em constituir um conjunto de referências (pesquisadores dedicados a produzir conhecimento sobre os “objetos” e “temáticas” da disciplina) que possibilite a construção de um campo científico com determinado grau de autonomia. Porém, um possível indicador negativo (de menor interação entre os grupos de pesquisadores vinculados aos PPGCOM) é o nível aparentemente elevado de citações “internas” que são visualizadas dentre esses autores mais citados, como a Tabela 3, adiante, deixará mais claro.

Cabe notar, antes da descrição desses dados, que a prática de “citação interna” é conhecida na literatura internacional como “house citation”. E, nesse caso, a citação é feita no âmbito ao qual o pesquisador está relacionado, embora isso dependa da unidade de análise, por exemplo, em certos estudos, as citações nacionais são consideradas “house citations”. Aqui, falamos de “citação interna” em relação aos PPGCOM e ao vínculo do pesquisador. Porém, se essa prática pode ter um sentido eventualmente negativo, ela, assim como a autocitação, admite também uma interpretação positiva: evidencia o exercício de uma Linha de Pesquisa. Na verdade, o dado da citação interna deve ser analisado num contexto mais amplo; por exemplo, grupos que produzem mais podem citar-se mais internamente, antes por um efeito de escala da produção do que por “insulamento” do grupo.

Desse modo, se é coerente perceber maior reconhecimento interno ao grupo (“capital científico”) dos que recebem citações externas, não é recomendável desprezar as que são feitas no interior dos grupos. Aliás, a comparação entre esses dois tipos de citação é que possibilita perceber melhor a circulação do “capital científico” de um campo. Pressupondo-

se, o que é nossa preocupação perceber nessa pesquisa, que esse capital circule, demonstrando níveis de interação entre os pesquisadores abrigados nos PPGCOM.

Tabela 3 – Autores dos PPGCOM mais citados (ordem de citações externas)

PPGOM/ Autor	Cit. Internas		Cit. Externas		TOTAL		Total* (%) – Cit. externas
	n	%	N	%	n	%	
1. SODRÉ, Muniz Sodré (UFRJ)	42	23,3	138	76,7	180	100,0	2,8
2. SANTAELLA, Lúcia (PUCSP)	162	57,0	122	43,0	284	100,0	2,5
3. MACHADO, Arlindo (PUCSP)	62	33,9	121	66,1	183	100,0	2,5
4. MELO, José Marques de (UMESP)	26	22,0	92	78,0	118	100,0	1,9
5. FAUSTO NETO, Antonio (UNISINOS)	25	26,3	70	73,7	95	100,0	1,4
6. MARCONDES FILHO, Ciro (USP)	28	29,2	68	70,8	96	100,0	1,4
7. XAVIER, Ismail (USP)	28	30,7	63	69,3	91	100,0	1,3
8. BERNARDET Jean Claude (USP)	14	20,0	56	80,0	70	100,0	1,2
9. TEIXEIRA COELHO, José (USP)	39	42,8	52	57,2	91	100,0	1,1
10 GOMES, Wilson (UFBA)	15	24,2	47	75,8	62	100,0	1,0
11 LOPES, Maria Immacolata V. (USP)	58	56,3	45	43,7	103	100,0	0,9
12 IANNI, Octávio (USP)	50	52,6	45	47,4	95	100,0	0,9
13. MEDINA, Cremilda (USP)	43	55,1	35	44,9	78	100,0	0,7
14. BRAGA, José Luiz (UNISINOS)	28	45,2	34	54,8	62	100,0	0,7
15. BAITELLO JUNIOR, Norval (PUCSP)	56	70,0	24	30,0	80	100,0	0,5

* Percentual em relação ao total de citações a autores pertencentes a PPGCOM.

Como já se discutiu, a citação interna possui relevo num contexto mais amplo, e, conforme mostra a Tabela 3, cinco autores dos PPGCOM (dentre esses 15 mais citados no cômputo geral) receberam percentualmente mais citações de trabalhos de seu próprio Programa. Estes autores são Baitello Júnior (70% de citações internas dentre o conjunto de citações recebidas), Santaella (57% de citações), Lopes (56,3%), Medina (55,1%) e Ianni (52,6%), todos pertencentes a PPGCOM mais tradicionais (USP e PUCSP), que tiveram alto índice de trabalhos no ano em análise⁸.

Os outros dez autores, de outro lado, receberam mais citações dos PPGCOM externos àqueles de seu vínculo principal no ano da análise. No entanto, vale notar, que existe o caso de autores – como Machado, Melo e Fausto Neto – que circularam (eventualmente com duplo vínculo) entre programas, de modo que “marcam” com sua influência (que a citação pode aferir) espaços institucionais para os quais colaboraram. De qualquer modo, a ordem dos autores que mais receberam, percentualmente, citações externas foi a seguinte:

⁸ A produção desses dois Programas somada resulta em 44,5% do total de teses e dissertações dos PPGCOM, em 2004.



Bernardet (80%), Melo (78%), Sodré (76,7%), Gomes (75,8%), Fausto Neto (73,7%), Marcondes Filho (70,8%), Xavier (69,3%), Machado (66,1%), Teixeira Coelho (57,2%) e Braga (54,8%).

É interessante notar ainda que os quatro autores que receberam mais citações continuam os mesmos, mas a ordem se altera, em função da organização por citações externas. Assim, Sodré passa a ser o autor com mais citações (2,8% do total de citações a autores de PPGCOM) – e portanto, sob esse parâmetro “externo”, o autor mais influente da pesquisa em Comunicação no Brasil, conforme dados de 2004. Em seguida, dentre esses quatro primeiros autores, estão Santaella e Machado (ambos com 2,5%) e Melo continua no quarto lugar, com 1,9% das citações.

Os índices percentuais de citações podem parecer pouco expressivos, porém isso se deve ao grande número de referências. Nesse sentido, é útil notar, como mostra a Tabela 4 (com os 10 autores com maior número de citações), a seguir, não o volume de citações recebidas, mas o total de trabalhos nos quais esses autores produziram algum impacto, conforme o indicador da citação. Isso é uma oportunidade para perceber melhor a dispersão do trabalho (e influência) desses autores.

Tabela 4 – Autores dos PPGCOM mais citados (por número de trabalhos)

Nome / Programa	USP	UF RJ	UNB	PUCSP	UMESP	UNICA MP	UF BA	PUCRS	UNISIN OS	UF RGS	UF MG	UFF	UTP	UF PE	UNIP	UNIMA R	UNESP	UE RJ	TOTAL (n e %)	% do Total de trabalhos
1. SANTAELLA, L. (PUCSP)	17 (13,5%)	8 (6,0%)	8 (6,5%)	51 (40,5%)	4 (3,0%)	2 (1,5%)	3 (2,5%)	7 (5,5%)	6 (5,0%)	0	3 (2,5%)	0	6 (5,0%)	4 (3,0%)	5 (4,0%)	0	2 (1,5%)	0	126 (100,0%)	25,7
2. SODRÉ, Muniz (UFRJ)	15 (14,5%)	17 (16,0%)	4 (4,0%)	15 (14,5%)	4 (4,0%)	3 (2,5%)	6 (6,0%)	3 (3,0%)	16 (15,0%)	4 (4,0%)	3 (2,5%)	5 (5,0%)	1 (1,0%)	3 (2,5%)	3 (2,5%)	0	1 (1,0%)	2 (2,0%)	105 (100,0%)	21,4
3. MACHADO, A. (PUCSP)	22 (23,0%)	7 (7,5%)	4 (4,0%)	23 (24,0%)	4 (4,0%)	2 (2,0%)	2 (2,0%)	2 (2,0%)	10 (10,5%)	1 (1,0%)	4 (4,0%)	2 (2,0%)	4 (4,0%)	5 (6,0%)	2 (2,0%)	0	1 (1,0%)	1 (1,0%)	96 (100,0%)	19,6
4. MARCONDES F. C. (USP)	18 (28,5%)	3 (5,0%)	4 (6,5%)	9 (14,0%)	4 (6,5%)	0	3 (5,0%)	4 (6,5%)	6 (9,5%)	4 (6,0%)	1 (1,5%)	0	1 (1,5%)	0	3 (5,0%)	0	2 (3,0%)	1 (1,5%)	63 (100,0%)	12,9
5. TEIXEIRA COELHO, J. (USP)	25 (40,5%)	0	0	13 (21,0%)	1 (1,5%)	3 (5,0%)	5 (8,0%)	3 (5,0%)	3 (5,0%)	3 (5,0%)	1 (1,5%)	1 (1,5%)	2 (3,0%)	1 (1,5%)	1 (1,5%)	0	0	0	62 (100,0%)	12,7
6. LOPES, M. I. V. (USP)	29 (48,5%)	2 (3,5%)	1 (1,5%)	3 (5,0%)	4 (6,5%)	0	2 (3,5%)	7 (11,5%)	4 (6,5%)	2 (3,5%)	3 (5,0%)	1 (1,5%)	0	2 (3,5%)	0	0	0	0	60 (100,0%)	12,2
7. IANNI, O. (USP)	31 (53,0%)	4 (7,0%)	1 (1,5%)	2 (3,5%)	5 (8,5%)	2 (3,5%)	3 (5,0%)	3 (5,0%)	4 (7,0%)	1 (1,5%)	0	1 (1,5%)	0	0	1 (1,5%)	0	1 (1,5%)	0	59 (100,0%)	12,0
8. MELO, J. M. de (UMESP)	15 (26,0%)	2 (3,5%)	5 (8,5%)	1 (2,0%)	12 (20,5%)	0	2 (3,5%)	6 (10,0%)	3 (5,0%)	4 (7,0%)	2 (3,5%)	0	0	2 (3,5%)	0	1 (2,0%)	3 (5,0%)	0	58 (100,0%)	11,8
9. FAUSTO NETO, A. (UNISINOS)	2 (5,0%)	3 (7,5%)	0	5 (12,0%)	2 (5,0%)	0	3 (7,5%)	6 (14,5%)	10 (24,0%)	5 (12,0%)	0	1 (2,5%)	0	3 (7,5%)	0	0	0	1 (2,5%)	41 (100,0%)	8,4
10. XAVIER, I. (USP)	11 (26,5%)	3 (7,5%)	2 (5,0%)	4 (9,5%)	0	5 (12,0%)	2 (5,0%)	1 (2,5%)	1 (2,5%)	0	1 (2,5%)	3 (7,5%)	2 (5,0%)	1 (2,5%)	5 (12,0%)	0	0	0	41 (100,0%)	8,4

Observando o volume de trabalhos que os autores mais citados atingem, percebe-se que os três primeiros autores, continuam os mesmo (Santaella, Sodré e Machado) e o número de



trabalhos que citam estes autores dão uma dimensão mais significativa à influência de cada um deles (assim como dos outros). Desse modo, Santaella é citada por pouco mais de um quarto das teses e dissertações de 2004 (25,7%), já Sodré é citado por 21,4% dos trabalhos e Machado por 19,6%.

É interessante perceber, também, dando maior significado à citação interna, que apenas no caso de dois autores (Ianni e Fausto Neto) o percentual de citações internas é maior que o índice de trabalhos que citam o autor. Pode-se supor que nos demais casos, em que há diferença entre o percentual de citações e o de trabalhos, para mais, isso ocorre por ocorrer uma apropriação mais intensiva do autor no contexto interno. Exemplos típicos (onde a diferença é mais significativa) são Santaella, que possui um percentual, do todo, de 40,5% de trabalhos nos quais é citada pela PUCSP, mas os mesmos correspondem a 57% do total de citações recebidas, e Sodré, com uma relação desse tipo de 16,0%/23,3%.

Outra possibilidade para percebermos a estruturação da pesquisa em Comunicação – e a viabilidade do modelo do “campo científico” para a mesma – é organizar os dados de citações a autores em determinadas áreas de pesquisa, como mostramos na Tabela 5, a seguir.

Tabela 5 - Autores nacionais mais citados por subáreas da proposta de TAC da Comunicação

Cibercultura e Tecnologias da Comunicação			Comunicação Audiovisual: Cinema, Rádio e TV			Com. Organizacional, Relações Públicas e Propaganda			Jornalismo e Editoração			Mediações e Interfaces Comunicacionais			Teorias da Comunicação		
Autor	cit.	N trab.	Autor	cit.	n trab.	Autor	cit.	n trab.	Autor	cit.	n trab.	Autor	cit.	n trab.	Autor	cit.	n trab.
Santaella, Lúcia	58	27	Machado, A.	124	62	Santaella, L.	49	21	Sodré, Muniz	78	40	Santaella, L.	131	61	Santaella, L.	29	9
Lemos, André	53	24	Santaella, L.	116	46	Machado, A.	29	13	Medina, C.	62	32	Sodré, Muniz	115	63	Lopes, M.I. V.	19	6
Machado, Arlindo	39	22	Xavier, Ismael	88	38	Kunsch, M.M.K	26	12	Melo, J. M. de	62	32	Lopes, M. I. V.	71	43	Melo, J. M. de	19	6
Palácios, Manuel	28	15	Ortiz, Renato	79	49	Teixeira Coelho, J.	25	13	Marcondes F.C.	55	32	Fausto Neto, A.	70	30	Baitello, Norval	17	2
Moraes, Denis de	19	12	Bernadet, J. C	69	27	T.doReco, F.G.	25	17	Orlandi, Eni	54	16	Ortiz, Renato	70	42	Fausto Neto, A.	10	3
Sodré, Muniz	19	16	Sodré, Muniz	63	40	Oliveira, A.R.C.M	24	7	Fausto Neto, A.	49	19	Freire, Paulo	61	29	Pinto, Milton J.	9	2
Marcondes F., Cit	18	11	Lopes, M. I. V.	61	26	Orlandi, Eni	23	11	Laqe, Nilson	48	34	Ianni, Octavio	58	37	Rüdiger, F.	9	4
Parente, André	16	12	Ianni, Octavio	46	26	Pinho, José B.	22	14	Chaparro, M. C.	33	19	Santos, Milton	52	27	Sodré, Muniz	7	4
Bairon, Sérgio	14	7	Orlandi, Eni	39	19	Barros, D. P. L.	20	5	Ortiz, Renato	31	19	Melo, J.M.de	51	24	Balogh, Ana M.	6	2
Ianni, Octavio	14	8	Borell, Silvia	37	23	Simões, R. P.	20	12	Santaella, L.	29	21	Teixeira Coelho, J.	51	33	Bernadet, J. C.	6	1
Freire, Paulo	14	8	Teixeira Coelho, J.	37	28	Fiorin, José L.	18	9	Bucci, E.	29	19	Rubim, A. A. C.	51	21	Capparelli, S.	6	3
Ferreira, Maria N.	13	1	Braga, J. Luiz	33	16	Lopes, M. I. V.	17	14	Meditsch, E.	29	18	Baitello, Norval	48	15	Escosteguy, A.C.	6	3
Santos, Milton	13	7	Parente, André	33	23	Fausto Neto, A.	16	7	Belfrão, Luiz	22	13	Gomes, Wilson	47	20	Hohfeldt, A.	6	4
Machado, Elias	12	6	Ramos, Fernão	33	21	Melo, J.M.de	16	6	Dines, Alberto	22	14	Machado, A.	46	34	Ianni, Octavio	6	2
Vaz, Paulo R.G.	12	5	Gomes, P. E. S.	33	16	Rocha, E.	16	12	Pinto, Milton J.	22	15	Chauí, M.	43	35	Stumpf, Ida R.	6	3
Leão, Lúcia	12	11													Xavier, Ismael	6	3
Meditsch, E.	12	7															
Ortrivano, G.	12	7															

Legenda:

Autores pertencentes a PPGCOM (2004)

Autor Citado em 6 subáreas Autor em 5 subáreas Autor em 4 subáreas Autor em 3 subáreas Autor em 2 subáreas Autor em 1 subárea

Autores não pertencentes a PPGCOM (2004)

Autor Citado em 3 subáreas Autor em 2 subáreas Autor em 1 subárea



Para a montagem da Tabela 5, optamos, por razões sobretudo pragmáticas, discutidas em nossa tese (Romancini, 2007, 199-200), por utilizar a proposta da Tabela de Áreas de Conhecimento (TAC) da Comunicação enviada pela representação da área ao CNPq, em 2005. E, no processo de categorização dos trabalhos, entendemos que seria interessante fazer classificações duplas de teses e dissertações que demonstrassem provável inserção em mais de um âmbito teórico-temático (que a subárea compreende).

Assim, utilizando como categorias as subáreas da proposta da TAC da Comunicação, mostradas nas colunas da Tabela, distribuímos os trabalhos e contabilizamos todos os autores nacionais mais citados⁹. Preferimos agrupar autores nacionais e de PPGCOM, perfazendo conjuntos com os 15 autores com maior número de citações (no caso de empate no último lugar, o número é maior que esse), justamente pela possibilidade de comparação mais evidente. E o que se revelou foi uma situação parecida com a da Tabela com autores nacionais mais citados, ou seja, há uma predominância dos de PPGCOM. Aqui, a Tabela apresenta um total de 36 autores de PPGCOM contra 19 autores nacionais não vinculados em 2004 a Programa de Pós em Comunicação. Naturalmente apareceram também, nesse caso, autores com notória relação com a área, como Meditsch, Rubim e outros.

O mais importante, porém, é o reforço quanto à compreensão do impacto que os autores dos PPGCOM têm nessas subáreas. Nesse sentido, pode-se observar, de um lado, que geralmente as primeiras colocações, em todas as subáreas, são ocupadas por autores dos Programas, e há o predomínio dos mesmos também em todas as categorias. De outro lado, é significativo o fato de que existam autores dos PPGCOM “transversais” – isto é, bem citados em várias das subáreas. Assim, uma autora (Santaella) aparece – entre os 15 mais citados – em todas as subáreas, outro (Sodré), em cinco das mesmas, enquanto cinco autores (Fausto Neto, Ianni, Lopes, Machado e Melo) foram bem citados por quatro subáreas e um (Teixeira Coelho) em três. É interessante notar que todos esses autores fazem parte da lista dos docentes de PPGCOM mais citados, de modo geral.

Se entendermos a citação, como propõe Melo (1999), como um “léxico” da ciência, parte da linguagem de um grupo que permite que o mesmo se comunique, é positivo notar (em

⁹ O número de teses e dissertações classificadas em cada categoria (subárea) ficou, então, conforme se segue: Mediações e Interfaces Comunicacionais (285 trabalhos), Comunicação Audiovisual: Cinema, Rádio e TV (180), Jornalismo e Editoração (110), Cibercultura e Tecnologias da Comunicação (84), Comunicação Organizacional, Relações Públicas e Propaganda (77) e Teorias da Comunicação (21).

termos da estruturação de um campo científico) que nenhuma das subáreas mostra-se absolutamente isolada, com um “léxico” dissonante em relação ao conjunto. Existem, sim, nuances e características próprias de cada subárea (que a especificidade dos autores citados permite vislumbrar), mas há também a presença desses autores “transversais”, que possivelmente dão um sentido mais coletivo ao grupo.

Um último ponto, a propósito dessa discussão sobre o capital científico dos pesquisadores da Comunicação no Brasil, analisado por meio das citações em teses e dissertações, diz respeito a uma sondagem mais fina da circulação do conhecimento na área. Para tanto, uma informação fundamental é sobre o índice total de citações externas a cada um dos Programas e o resultado do mesmo (2.635 citações) produz um índice percentual de 54,4% do total de citações a docentes dos PPGCOM. Esse número é significativo e, junto com outros dados aqui mostrados, será retomado no tópico conclusivo desse texto.

5. Considerações finais

Assim como a fumaça não substitui o fogo, os indicadores bibliométricos não são capazes, *por si só*, de darem respostas definitivas sobre o estado de uma disciplina. Na frieza de cada Tabela existe uma história e um contexto que conduziram a determinado resultado, tais aspectos necessariamente precisam ser levado em conta nas análises.

No entanto, a despeito de suas limitações, os dados bibliométricos sinalizam, indicam determinadas situações e configurações da pesquisa, que podem e devem ser exploradas por outras abordagens diversas da adotada aqui. Sem dúvida, por um lado, os dados suportariam um tratamento, ainda de viés quantitativo, mais sofisticado em termos de estatística, objetivando, por exemplo, notar as co-citações de autores e suas frequências – o que poderia resultar na composição de *clusters* ou ser subsídio para representações gráficas da pesquisa, entre outras possibilidades.

Tão relevante quanto – e, no nosso entender, representando uma abordagem complementar – seriam as estratégias qualitativas de análise. A investigação de como se dá a incorporação dos autores vistos aqui ao “léxico” da Comunicação seria muito relevante. E por esse via os caminhos são diversos: talvez em primeiro lugar o mapeamento dessa linguagem. Caso ela seja perceptível, de modo mais denso, o estudo de seus conceitos (“comunicacionais”?) e do modo como os mesmos circulam e são apropriados pela

pesquisa. Além disso, a análise mais panorâmica ou temática dos autores que são mais citados; a percepção sobre as incorporações de conceitos de autores de outros países, por nossos pesquisadores-autores¹⁰; a verificação dos títulos (a Comunicação no país já possui “clássicos”?), do tipo de produção que é citada e seus marcos teóricos seriam, entre outras, algumas possíveis linhas de investigação.

De qualquer modo, devemos concluir afirmando que, dentro do marco teórico adotado, nos parece que os dados deixam entrever alguns indícios importantes da constituição/consolidação do campo científico da Comunicação no Brasil, a partir do que foi mostrado sobre o capital científico da área. Antes de mais nada, demonstrou-se que, em termos da interação entre os pesquisadores, o “modelo segmental” não poderia caracterizar com propriedade o atual estágio do grupo, nem muito menos o “conflitivo-destrutivo”. Nesse ponto, o indicador bibliométrico leva a crer que boa parte do que se produz em determinado PPGCOM é lido por outros, ou seja, o capital científico circula, favorecendo um padrão “conflitivo-constutivo”. Assim, lembramos que mais da metade das citações dos autores dos PPGCOM são feitas por Programa diferente daquele ao qual o pesquisador pertence.

Vimos também, ao analisar a diacronia dos autores citados, a positiva situação na qual o grupo de pesquisadores dedicados à temática e que espera obter reconhecimento interno à área aumentou e consolidou-se ao longo do tempo. Aparentemente, vivemos hoje uma etapa na qual a área, em medida considerável, é preenchida por pesquisadores que têm obtido reconhecimento e interagido com seus pares. Pelo menos isso é o que indicam os dados dos autores mais citados.

Desse modo, se é difícil já falar a respeito da Comunicação como uma área totalmente consolidada e autônoma, dentro do campo científico mais amplo, é importante notar também que os autores nacionais nucleares à disciplina são os pertencentes aos PPGCOM. E vários desses têm, ao que parece, um papel importante na construção da identidade da área, de maneira mais geral, devido à sua influência transversal aos diferentes domínios da pesquisa em Comunicação.

¹⁰ Em nossa tese, também abordamos os autores estrangeiros mais citados pelas teses e dissertações dos PPGCOM, porém, tanto por uma questão de foco, quanto de tamanho do artigo, preferimos não apresentar e discutir aqui esses dados. Vale notar, porém, que no nosso entender as informações sobre os autores estrangeiros, em boa medida, reforçam possíveis níveis de intercâmbio entre os PPGCOM, por existirem várias referências partilhadas.



O que podemos esperar, sim, é que o capital científico que se produz na área seja cada vez mais submetido a críticas quanto à sua validade e pertinência, pois sem dúvida isso seria uma maneira de torná-lo mais valioso e, conseqüentemente, garantir maior autonomia ao desejado “campo científico da Comunicação”.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. 2004. *Os usos sociais da ciência*. São Paulo, Ed. UNESP.
- _____. 2001. *Meditações pascalinas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- _____. 1992. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 3ª ed.
- _____. 1989. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel.
- _____. 1983. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu* (Col. Grandes Cientistas Sociais), São Paulo, Ática, pp. 122-55.
- _____. 1983a. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero.
- _____. 1968. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean (org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro, Zahar, pp. 105-46.
- GALTUNG, Johan. 1965. Los factores socioculturales y el desarrollo de la sociología en América Latina. *Revista Latinoamericana de Sociología*, I, 1, pp. 72-102.
- GARCIA, Maria Manuela Alves. 1996. O campo das produções simbólicas e o campo científico em Bourdieu. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fund. Carlos Chagas, n. 97, pp. 64-72, maio.
- LATOUR, Bruno. 2000. *Ciência em ação*. São Paulo, Ed. UNESP.
- LIEDKE FILHO, Enno Dagoberto. 2003. Sociologia brasileira: tendências institucionais e epistemológicas. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 5, n. 9, jan./jun. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/soc/n9/n9a08.pdf>. Acessado em 10/03/2006.
- MELO, Manuel Palácios da Cunha. 1999. *Quem explica o Brasil*. Juiz de Fora: Ed. UFJF.
- ROMANCINI, Richard. 2006. *O campo científico da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico*. São Paulo. Tese de doutorado - ECA/USP. Disponível em: <http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/bdtd/2006/2006-do-romancini_richard.pdf>. Acessado em 20/01/2007.